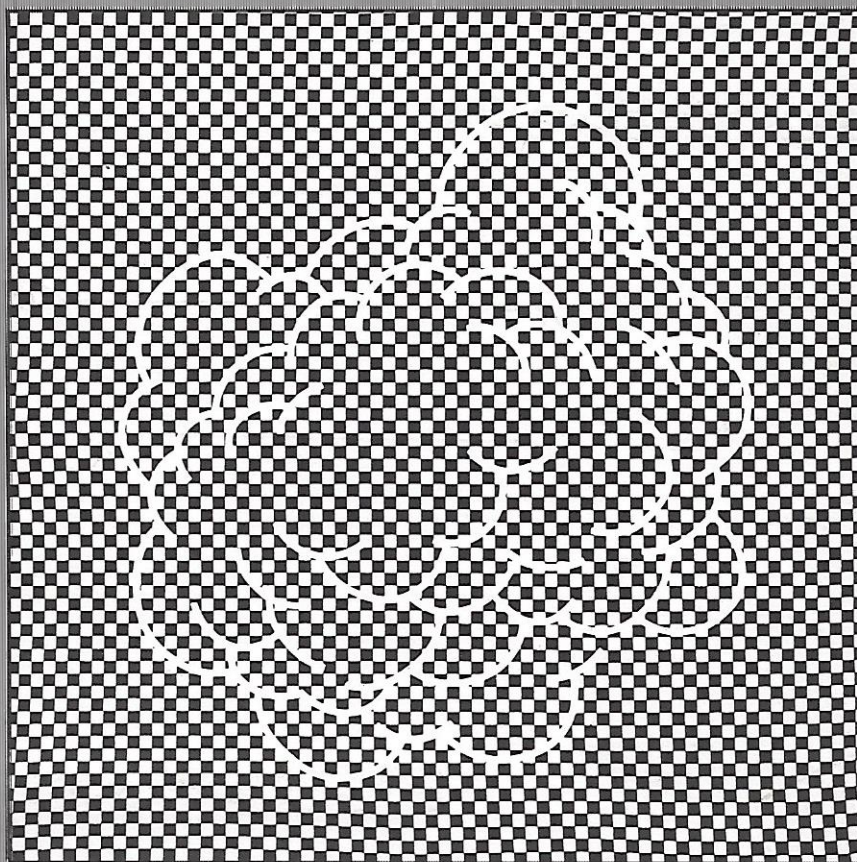


GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



ESPÍRITO POP

INFLUÊNCIAS NA ARTE ATUAL
DO RIO GRANDE DO SUL



ESPÍRITO POP

INFLUÊNCIAS NA ARTE ATUAL
DO RIO GRANDE DO SUL

ADOLFO BITTENCOURT
ALFREDO NICOLAIEWSKY
EDUARDO VIEIRA DA CUNHA
FÉLIX BRESSAN
GERALDO MARKES
LIA MENNA BARRETO
LIANA TIMM
LUISA MEYER
MÁRIO RÖHNELT
MILTON KURTZ
RICHARD JOHN
ROMANITA DISCONZI

DE 18 DE MARÇO A 4 DE ABRIL

1 9 9 3

CURADORIA
PAULO GOMES



O Espírito Pop.

Como movimento estilístico na arte ocidental, o Pop Art ocorreu entre 1956 e 1966, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Tinha como características principais ser figurativo e realista, estava firmemente enraizado no ambiente urbano, tendo como temas os quadrinhos, revistas ilustradas, anúncios e embalagens, o mundo dos espetáculos, os bens de consumo duráveis, a televisão e os jornais. Outra característica é o tratamento: neste a apresentação é literal, arte que domina o abstrato e o figurativo de modo absolutamente novo; é realismo, mas exercido à luz e pleno conhecimento de tudo o que tinha acontecido na arte moderna desde o tempo de Coubert. Essas três características se mantêm através dos anos e recuperam seu inteiro vigor na década de 80 e 90. "Métodos de serialidade e repetição, o desenvolvimento dos materiais industrializados e sintéticos, o uso de imagens de mídia como ícones da moderna cultura de massa, a apresentação de objetos "ready-made" como objetos de arte e de objetos de arte como mercadoria e as insistentes referências à produção de massa tornaram-se mais uma vez elementos referenciais de uma arte que procurava definir seu papel na sociedade e em termos de um questionamento filosófico ou conceitual. *com a...*

No auge do informalismo, em meados da década de 1950, surge nos Estados Unidos um novo tipo de arte que "rompe totalmente com a unidade frontal do quadro" (Pelegri, 208). Isto ocorre com a exposição de Jasper Johns, que utiliza em seus trabalhos a imagem popular e o objeto vulgar que constituirá o centro de atividade da arte pop. Também Rauschenberg abre novos rumos a arte com um modo inédito de introduzir a realidade no quadro, "e inicia um movimento que adquiriu extraordinária difusão e que foi modificando-se e variando em suas formas. Este movimento, designado em seu começo como "New Dada", é mais conhecido hoje com a denominação de "Pop Art". (Pelegri, 208/9). Nos EUA, onde o novo movimento surgiu, durante o auge de tendências abstracionistas e informalistas da pintura, a arte publicitária e as práticas publicitárias são a fonte principal de origem de uma das vertentes do Pop Art, aquele chamado "pops estritos" por Aldo Pelegri (Lichtenstein, Warhol, Wesselmann, Oldenburg) que maior influência irá exercer no mundo. Outra das fontes do Pop é a arte primitiva norte-americana, fonte detectada mais pelos europeus do que pelos próprios norte-americanos (conforme Hans H. Hofstätter "...tem de se ter em conta a ingenuidade quase comovente do ser americano, pois ela já fazia parte da mentalidade dos colonos"). Singularmente falsificando, copiando, apropriando e simulando uma coisa por outra, os artistas continuaram trabalhando conceitos de originalidade e autenticidade de maneira que mostram a duradoura inspiração do movimento Pop por mais de um quarto de século depois do seu nascimento."

(Marco Livingstone. POP: A CONTINUING HISTORY. Thames and Hudson, Londres, 1990. Tradução de Naira Vasconcelos)

Esta atitude já conduziu, na pintura Naïf dos séculos XVIII e XIX a formas de composição que de modo inesperado levam a paralelos entre a Pintura Naïf (da América) e a Pop Art, pelo que esta não surge como coisa inédita, mas antes como uma constante das manifestações artísticas americanas." (284). O que de comum existe em artistas tão diferentes como Johns e Rauschenberg, chamados neodadaístas e os pops estritos é na verdade a utilização do que é chamado imagem popular, ou seja, aquela que se apresenta de um modo massivo ao homem contemporâneo e que por sua trivialidade havia sido depreciada até aquele momento pelos artistas cultos. A diferença básica entre esses dois grupos de artistas colocados sobre o mesmo rótulo é que os neo-dadaístas incorporam a imagem popular a uma base pictórica procedente do expressionismo abstrato, e que revela verdadeiro refinamento, além de compor os seus quadros. Os pops estritos nos colocam ante a evidência do objeto trivial sem uma elaboração plástica, sem implicações expressivas nem emocionais, e sem nenhuma evidência de desafio, utilizam para isso uma técnica pictórica impessoal ou mesmo a reprodução por meios mecânicos.

O termo pop surgiu na Inglaterra na primeira metade da década de 1950. Houve nesta época uma tentativa de ressurgimento da arte figurativa, de forte naturalismo social, reunida em torno da Beaux Arts Gallery, que apresentou-se na Bienal de Veneza em 1956. O termo surge por sugestão do crítico inglês Lawrence Alloway para designar um estado de espírito que inclinava a considerar favoravelmente as imagens e desejos da mass media, nas reuniões do Independent Group do Instituto de Arte Contemporânea de Londres. Faziam parte deste grupo Richard Hamilton e Edouard Paolozzi. A postura dos pops ingleses diferencia-se em muito dos americanos. Nestes a utilização de imagens da mass media passa por um elaborado processo de depuração e aperfeiçoamento formal, que ao contrário dos americanos, distancia totalmente esta arte da arte mecanizada dos pops ortodoxos e da violência expressionista dos neodadaístas. Coincide entretanto na objetividade e distanciamento, mas estas imagens populares reelaboradas adquirem uma dignidade e destrivialização que se convertem em um pop otimista. A experimentação de novas técnicas pelos pops ingleses leva a uma variedade e multiplicidade de manifestações sem precedentes. Peter Blake utiliza-se da colagem com um refinamento que o aproxima da grande pintura, como por exemplo em "The Girlie door" que está organizada com um rigor quase neoplástico. Paolozzi utiliza-se de imagens de revistas populares em combinações de colagens com desenhos.

O Pop Art como fenômeno "empacotado e etiquetado" (Read, 294) faz sua aparição no mundo das artes na década de 1960 e poucos deixam de sucumbir ao seu fascínio. A tendência se espalha pela Europa com forte influência na Itália e na Alemanha.

Na França a tendência pop vai receber um novo nome e uma orientação diferente. O Novo Realismo é um movimento criado por Pierre Restany a partir de 1960 e pretende ser "um gesto fundamental de apropriação do real, ligado a um fenômeno quantitativo de expressão. O real percebido em si e não através do prisma de uma emoção. O Novo Realismo introduz um relas sociológico em estado essencial de comunicação" (in FM, 60). O meio de expressão fundamental é a Assemblage, que vai da colagem à instalações ou decór para Happenings, passando pelas acumulações, compressões e também a descolagem.



Nas décadas de 1960, nos seus primeiros anos, o Brasil tornou-se o lugar ideal para novas experiências culturais. Vivía-se a euforia dos anos JK, com uma crescente industrialização e modernização da vida do brasileiro nas grandes cidades. Nas artes visuais o Brasil vinha de experiências radicais da década de 50, que com o advento das Bienais trouxe para cá as experiências concretas e traz ainda na década de 1960 a glorificação do Expressionismo lírico e do tachismo, que vai premiar Iberê Camargo e Manabu Mabe. Mas esta arte não condizia com a nova realidade da cidade industrializada começando a se deixar seduzir pelos bens de consumo.

Por influência do Novo Realismo francês, que se propunha a uma anexação pura e simples dos elementos da realidade tal como são, em estado bruto, também a difusão das idéias do New Dada e da Pop Art dão a tônica desde o início dos anos 60. Experiências de Waldemar Cordeiro e Maurício Nogueira Lima com o Popcretto (onde a fusão do Concretismo e da Pop Art trabalha a idéia da sucata reordenada) e as experiências de Wesley Duke Lee, onde a fusão do pop com o neodadaísmo e idéias surrealistas introduzem uma nova estética na arte brasileira. Uma conjunção de fatores sociais, econômicos e culturais vai introduzir na arte brasileira a estética do pop art. A rigor não houve no Brasil um movimento de Pop Art, mas sim uma série de influências de origens diversas que vão desaguar na efervescência dos anos 60 através de manifestações individuais de grande importância e representatividade.

O Pop feito no Brasil tinha pouco mais do que a aparência do pop norte-americano. Apesar do surto desenvolvimentista o Brasil não tinha uma qualidade de vida que permitisse uma glorificação dos bens de consumo. Também a realidade do País vai mudar em 1964 com a ascensão do totalitarismo ao governo do país. Os artistas então influenciados pelas novas tendências neofigurativas vão utilizar-se desta tendência para fazer a crítica a situação local. Vão fazer uma arte crítica e com forte carga de denúncias e ironia em lugar da glorificação do banal e do comum. Vão fazer a crítica do consumismo e a denúncia da miséria não havendo lugar para coca-colas e grandes banhistas, e sim visceras e multidões apertadas em caixas e elevadores. Não haverá lugar para os heróis de comics. Nossos heróis são anti-heróis, marginais e prostitutas e personagens da imprensa marron que adquirem através dos trabalhos dos artistas a aura de heróis românticos. Na verdade o Pop Art no Brasil vai se tornar um alibi, através do qual os artistas utilizam-se da figuração de origem no mass media para fazer a denúncia do país que mergulha em longos anos de obscurantismo.

É neste contexto de contradições entre o esteticismo e brutalismo que marca as artes brasileiras da década de 1960 (exemplos claros desta nova estética brutalista é o cinema novo que busca nas misérias do Brasil o assunto de elaboradas estéticas visuais) que o Rio Grande do Sul vai tomar conhecimento do Pop Art e de suas derivações. Em 1965 a exposição "Cinco Pintores de Vanguarda" ocorrida no Museu de Arte do Rio Grande do Sul vai provocar acirrados debates. No RS a tradição da figuração manteve-se em alta, mesmo em épocas de grande revolução da arte brasileira, como a década de 1950. Enquanto no Rio de Janeiro e em São Paulo as exposições de artistas europeus e as Bienais traziam as tendências abstratas e construtivistas, no RS os artistas se juntavam num movimento de arte figurativa engajada. Mas era um figurativismo primitivo, ligado as tradições campeiras e preocupado em denunciar a miséria que campeava nas coxilhas e nas minas. Não havia uma ligação com o urbano, compreensível num estado de tradições agrária e pastoril. Daí a razão talvez da reação negativa frente a exposição dos artistas de vanguarda¹ (Scarinci, 182). É portanto, neste contexto retrógrado e reacionário que alguns artistas gaúchos vão tomar a dianteira das manifestações artísticas no RS, e fazer uma arte afinada com a realidade do dia-a-dia. Estes jovens vão levar a fidelidade gaúcha à figuração a um termo moderno e atual, mantendo ainda uma tradição muito gaúcha que é a da arte feita em série, mas apropriando-se de imagens comerciais e populares, e como os cariocas e paulistas, dando-lhes significados e intenções que extrapolam a idéia pop. O decano desta nova tendência é Léo Henrique Fuhro que vai trabalhar na gravura em madeira os temas da sua contemporaneidade. Também contemporâneos de Fuhro são Romanita Disconzi, Luis Barth, Danúbio Gonçalves e Avatar Moraes, todos utilizando-se das imagens de origem no mass-media ou de estilizações e manifestações visualmente pops.

1 — Maurício Nogueira Lima
Samuel Szpigel
Sérgio Ferro
Sílvio Oppenheim
Ubirajara Ribeiro

"É bem possível que muitos dos que visitarem esta exposição saiam chocados pelas audácias destes cinco pintores de vanguardas"



Dentro da produção gaúcha atual pode-se perceber um débito com a Pop Art. Apesar de não caracterizar um movimento, esse débito, que optei por denominar de "Espírito Pop", é patente em boa parte da produção, desde artistas que tiveram um contato temporal com o movimento na época de seu auge (Romanita Disconzi, Léo Henrique Fuhro, Danúbio Gonçalves, etc), passando por outros que tendo iniciado suas carreiras na década de 70, na década seguinte optaram por uma arte frontalmente oposta às tendências abstratizantes ou mesmo conceituais ou minimalistas (Alfredo Nicolaiewsky, Mário Rohnelt, Milton Kurtz e Liana Timm) até os dias de hoje, onde jovens artistas usufruindo as liberdades conferidas pela década de 80 retomaram modos e meios daquele movimento (Eduardo Vieira da Cunha, Geraldo Markes, Richard John, Adolfo Bittencourt, Luísa Meyer, Lia Menna Barreto e Felix Bressan).

Por espírito pop entendo uma série de aproximações visuais e conceituais. São ou foram características da Pop Art o citacionismo, a pesquisa de materiais, o uso das mídias como matéria e tema, o gosto pelas imagens de impacto, a cor forte, o uso de imagens de segunda mão, a postura satírica e paródica e o humor. Todos estes itens podem pertencer a este ou aquele movimento, mas no seu conjunto formam o que se decidiu chamar de Pop Art. Aqui podem também ser agrupados os nomes de movimentos derivados do Pop e a ele diretamente ligados, como o Novo Realismo, Fluxus, Nova Figuração, Figuração Narrativa, Arte Povera, Vídeo Art, Arte Conceitual, Hiper Realismo, Nova Imagem, Nova Escultura Inglesa, etc. A rigor nenhum movimento artístico surgido pode ou foi isolado de outros, havendo sempre uma sutil rede de relações que os ligam uns aos outros.

O convite para curar esta exposição propunha uma amostragem da influência da Pop Art na arte gaúcha atual. Sem qualquer veleidade de inventar um movimento (fala-se de neo-pop) optei por fazer desta mostra um conjunto de artistas onde estas influências são patentes ou mesmo subterrâneas. No estado atual da produção local, muitos artistas foram ou são de uma maneira ou de outra influenciados pela Pop Art. Este fato criou um impasse na hora de selecionar os nomes a serem expostos. Na impossibilidade de qualquer tentativa de esgotar o assunto, sugeri ao MAC-RS, na pessoa do seu Diretor, uma exposição de exemplos. Por exemplo entendo aqueles que podem individualmente trazer cada um deles um dado novo. Esta é portanto uma mostra de exemplos, não ficando portanto excluído quaisquer outros artistas que têm ou tiveram influência da Pop Art.

O ideal seria uma ampla pesquisa onde o movimento fosse estudado desde seu início no RS e trouxesse retrospectivamente esta tendência até os dias de hoje. Trabalho para muito tempo e para pessoa plenamente qualificada.



Para esta exposição no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, dentro da proposta de detectar as influências do Pop Art, foram reunidos 12 artistas de gerações diferentes.

ROMANITA DISCONZI conviveu com o movimento durante o seu auge no Brasil. Sua trajetória inicia-se na década de 1960 onde dedicou-se a serigrafia, "pensada entretanto, como meio para as explorações semânticas iconográficas (...)" (Scarince, 165). Essa pesquisa de imagens e signos trouxe a artista a uma pintura que ele denominou de "Pintura Pós-TV", onde a citação de Seurat é expansa porque dele R.D. não deriva um repertório iconográfico ou formal, mas a dimensão técnica" (Annateresa Fabris). Essa dimensão técnica é colocada a serviço de um imaginário derivado da televisão, que tem toda a inquietação e a brevidade do meio. A pintura de RD busca fixar a brevidade com que os ícones e símbolos da mitologia urbana passam pelas telas da televisão, e que invariavelmente se perdem com a velocidade com que estas imagens mudam. É "uma pintura alegre, fluida — constituída apenas de pinceladas fragmentadas" (João J. Spinelli).

MILTON KURTZ é um artista de longa familiaridade com os temas e técnicas da Pop Art. Ao longo de sua trajetória de desenhista e pintor tem trabalhado com imagens de segunda mão, de origem na mídia e com cores fortes. Em sua última mostra individual (1990) sua pintura utiliza-se de grandes campos de cores e imagens simplificadas, onde o que ressalta é a tensão entre os campos puros de cor e assilhuetas. É uma pintura que está situada num lugar intermediário entre o pop e a pintura óptica como a de Robert Indiana. Seus últimos trabalhos mostrados ao público a visualidade pura é a preocupação maior do artista, não havendo um empenho com relações, conceitos ou significados.

MÁRIO RÖHNELT também vem de uma longa convivência com o imaginário e a técnica pop. Sua trajetória vem de desenhos com poucos elementos para uma longa série onde a acumulação de informações visuais nos davam notícias da arte e da arquitetura ao longo dos tempos. Nos seus trabalhos atuais há uma depuração da imagem, através de fotos manipuladas o artista chega a um espectro da imagem real, com grande contraste entre o fundo e a forma, até quase a abstração. Depois de um período onde as citações eram explícitas, Mário Rohnelt vem trabalhando com textos e imagens de origem fotográfica que nos remetem a uma universalidade de conceitos onde nem sempre o que é visto é o que realmente significa.

ALFREDO NICOLAIEWSKY, aproximou-se do Pop ainda no início da década de 1980. Artistas de trajetória diversificada é feita de diversas incursões em linguagens históricas, tem como característica maior o uso de referências da alta e baixa culturas. Seus trabalhos atuais demonstram um novo caminho derivado destas experimentações. O que modificou-se no seu trabalho foi que a referência a cultura (alta ou baixa) deixou o primeiro plano, dando lugar a uma conceituação no sentido de que dá ao espectador uma indicação e este observador se vê impelido a refletir e a imaginar. Seus desenhos não são apenas reproduções de páginas de um dicionário ilustrado, mas antes de qualquer coisa são desenhos. Esse traslado de imagens prontas representa a mais pura ortodoxia pop, mas estas imagens não são puramente presentacionais, elas indicam tanto ao artista quanto ao espectador uma nova atitude.

LIANA TIMM trabalha com imagens originalmente gravadas por artistas renascentistas e mesmo contemporâneo. Suas eletrografias são montadas a partir de uma desmontagem das imagens originais que são ampliadas visando destacar o fazer do artista e procurando uma nova abordagem da imagem. Liana utiliza-se de tecnologia moderna e manipulando essas imagens encontradas prontas no repertório visual da humanidade faz uma "operação de transposição de sentido que resgata o texto de outro e o transforma". (Elisabeth Duarte). Artista de rica trajetória nas artes gráficas, Liana Timm utiliza-se do gigantismo comum aos pops, fazendo uso também de uma postura paródica e citacionista.

EDUARDO VIEIRA DA CUNHA é um artista que aceita a fantasia como uma disposição de um espírito — "Eu estava tão envolvido com este tema que muitas vezes eu sonhava, depois, contava este sonho através da pintura" (Correio do Povo, 26/05/92), embora não se evidencie em sua obra uma distância muito grande entre a fantasia e a realidade concreta. Suas pinturas registram cenas comuns onde o banal é transmutado em algo inquietante. Há um tanto de primitivismo nas suas representações, colocado lado a lado a uma técnica irrepreensível, de uma precisão quase fotográfica. Um forte senso dramático marca EVC. A semelhança de uma câmara cinematográfica ou de televisão, o artista se revela um observador perspicaz, registrando as imagens e transmutando o banal em algo estranho e sinistro. Paira sobre seus quadros uma certa aura de ingenuidade. Este ar de inocência serve para disfarçar o vigoroso esquema construtivo que organiza o evento, conferindo-lhe uma significação inesperada, bem como o uso de uma iluminação quase cenográfica, que dá "um clima onírico ou um aspecto teatral para a cena" (Raquel Sager, Correio do Povo, 26/05/92). Por longo tempo fotógrafo e mesmo professor desta arte na UFRGS, EVC parte do registro de imagens de determinada região do RS registrando em sua pintura um tanto do cotidiano desta mesma região.

LUÍSA MEYER, dedicou-se a pintura, sempre em descompasso com a pintura tradicional, já que em 1985 apresentou uma série que chamou de Pinturas Variáveis, que continham partes articuladas. Em 1986 apresentou os POPS ou Paisagens Selvagens onde a inclusão de elementos tridimensionais era associada a um imaginário retirado de revistas, fotos e livros.

Em "A Flecha do Tempo" a artista continua sua pesquisa que vai desaguar nos seus trabalhos mais recentes, as assemblages e esculturas que podemos ver na Casa de Cultura Mário Quintana e no Solar dos Câmaras. O que caracteriza mais fortemente o trabalho de LM ao longo de sua trajetória é sua inquietação em experimentar — "Pesquise o mundo — a humanidade — suas relações essenciais" e sua ligação com o universo feminino, dentro da tradição bem brasileira de a partir de elementos deste universo criticar a postura e a situação da mulher. Mas não só de feminismo vive a obra de LM. Conforme o já citado, a experimentação faz do seu trabalho uma fonte constante de novidades, sempre em sintonia com a contemporaneidade e com um elemento sempre presente, o humor.

LIA MENNA BARRETO também trabalha com os mesmos itens. Estão presentes o humor e o universo feminino. Suas esculturas além da pesquisa formal, constituem-se em bem humoradas incursões no imaginário infantil, criando bichos e formas plenas de sarcasmo onde se combinam a perfeição, o artesanato, a invenção e a postura contemporânea face às questões da arte.

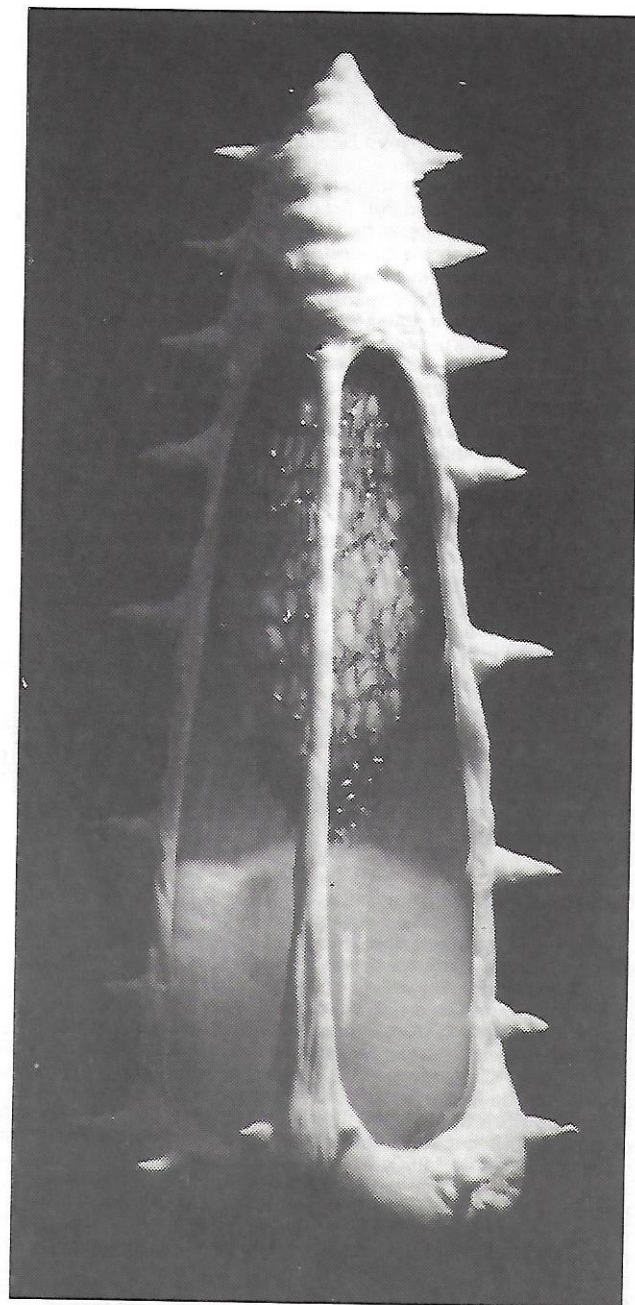
GERALDO MARKES depois de um período onde sua pintura plana associava personagens a elementos do cotidiano incursiona atualmente numa pintura colagem à maneira de Jasper Johns onde as figuras foram substituídas por objetos familiares e mesmo banais, constituindo telas de grande impacto e de grande força pictórica.

RICHARD JOHN vem experimentando o pop, o hiperrealismo e mesmo o conceitualismo em seus trabalhos. Seu imaginário é tomado das lembranças da sua infância nos anos 60. Faz um trabalho cheio de citações e se permite mesmo a fazer comentários irônicos aos ícones de pintores como Lichtenstein e Warhol, como nos seus Popeyes. Ao lado destes há também trabalhos hiperrealistas e montagens com fotografias onde o humor e a alta qualidade técnica são relevantes.

A maneira dos pops estritos faz transposições literais de imagens de segunda mão, nos colocando ante a evidência de uma imagem trivial sem qualquer elaboração plástica, sem implicações expressivas nem emocionais.

ADOLFO BITTENCOURT

Porto Alegre - RS - 1966



Sem título, 1992
Vidro, polietileno,
aço e algodão.

FELIX BRESSAN é dono de um imaginário rico de referências a imagens terríficas. Seus objetos (Cintos de Castidade) são plenos de referências aos conceitos e pré-conceitos que torturam e aprisionam a humanidade num círculo de medo e senso de pecado. Suas esculturas, formas quase estruturais, trazem ao panorama gaúcho atual a marca de uma inventividade sem par ao lado de uma pesquisa de materiais de alta qualidade. Sua ligação com o pop está mais na sugestão do que na concretização real de suas obras.

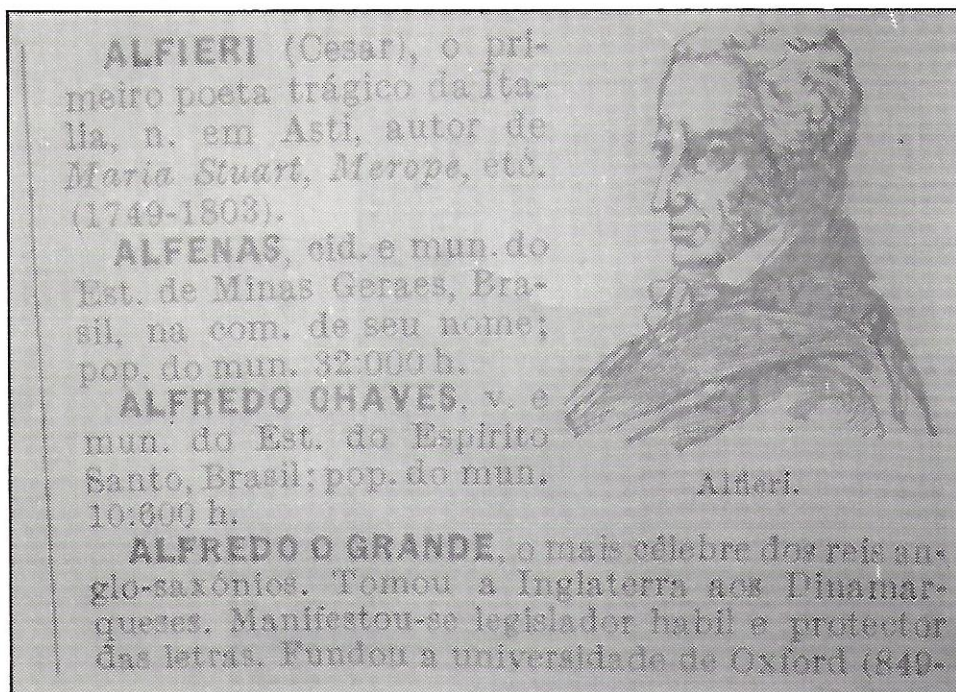
ADOLFO BITTENCOURT se vale de um imaginário também terrífico, mas agora apropriado da televisão e dos filmes de terror. São esculturas onde a pesquisa de materiais vem associada a uma elevada dose de humor que subjaz sob a aparência terrível que possuem. Outra questão que surge no seu trabalho é o uso de formas orgânicas. Nestas o artista libera sua imaginação e cria figuras que, se não podemos perceber uma ligação com qualquer forma reconhecível, nem por isso se aproxima do abstrato, nem perde o seu poder de sugestão.

Paulo Gomes
Desembro de 1992

ALFREDO NICOLAIEWSKY

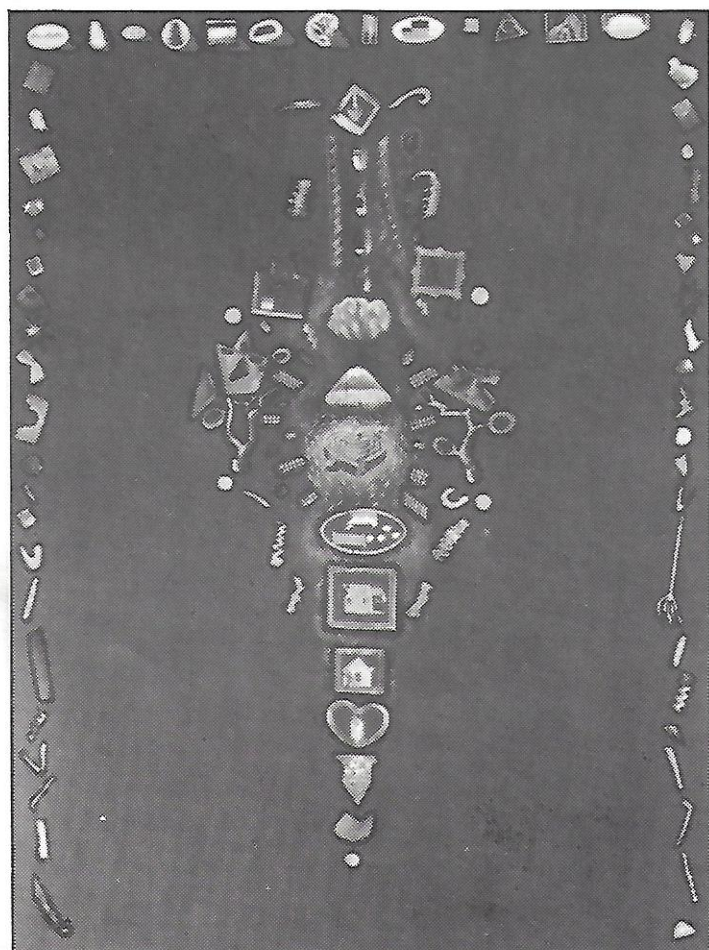
Porto Alegre - RS - 1952

"Alfredo o grande"
Desenho, 1992
50x70 cm



EDUARDO VIEIRA DA CUNHA

Porto Alegre - RS - 1956



Sem título, 1992 • Acrílico sobre tela • 120x160 cm

FELIX BRESSAN

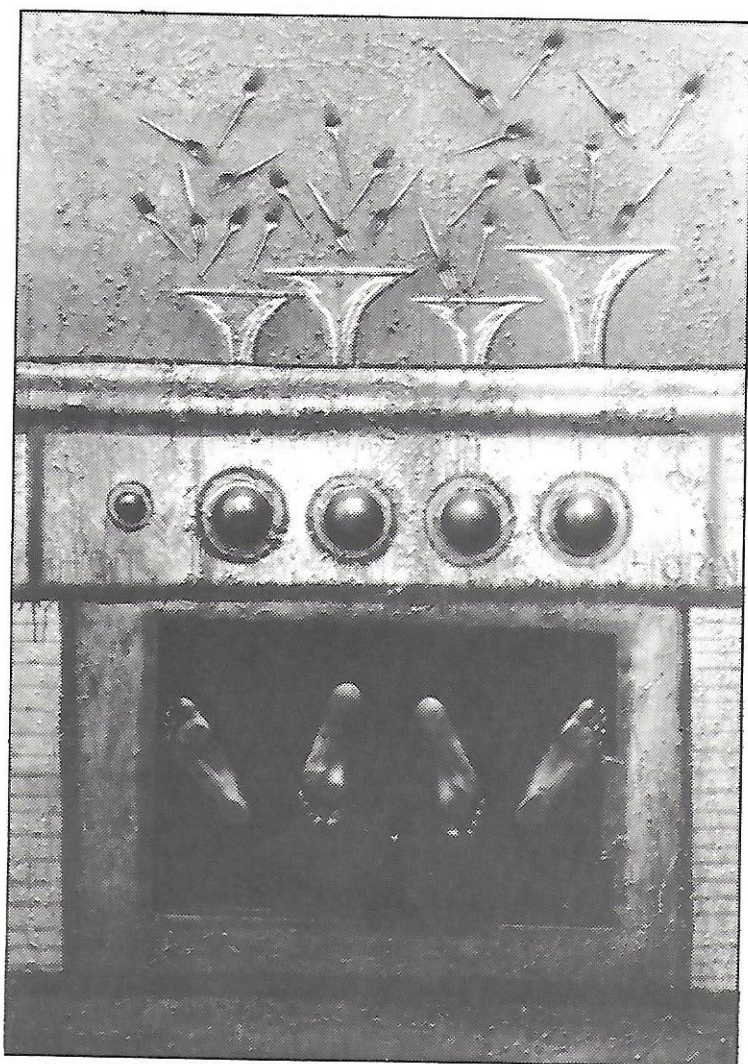
Caxias do Sul - RS - 1964



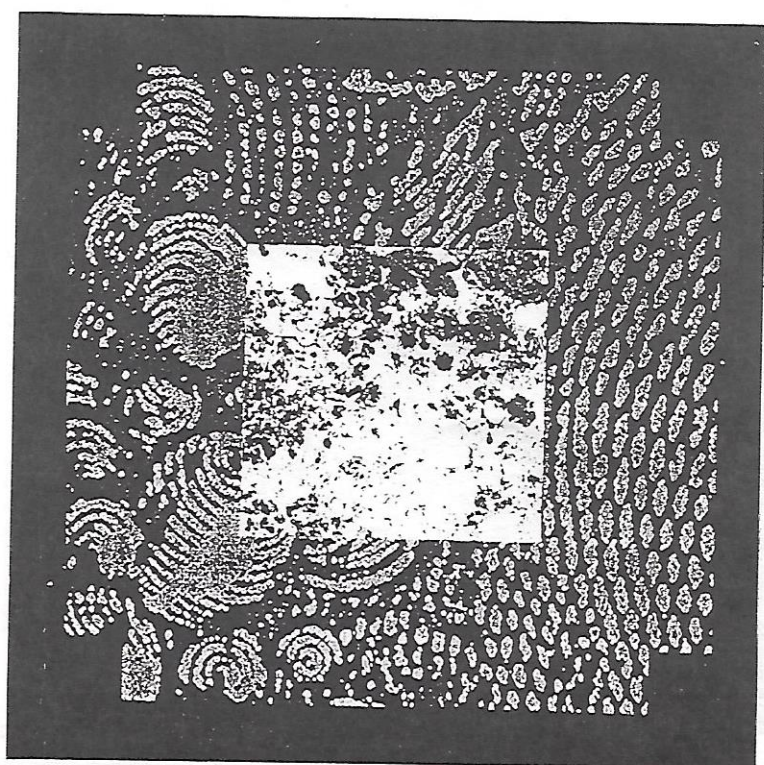
Sem título, 1992
Couro, PVC e
parafusos

GERALDO MARKES

Santa Maria - RS - 1961



"Fogão Hot Horn"
Técnica mista
sobre tela
140x180 cm

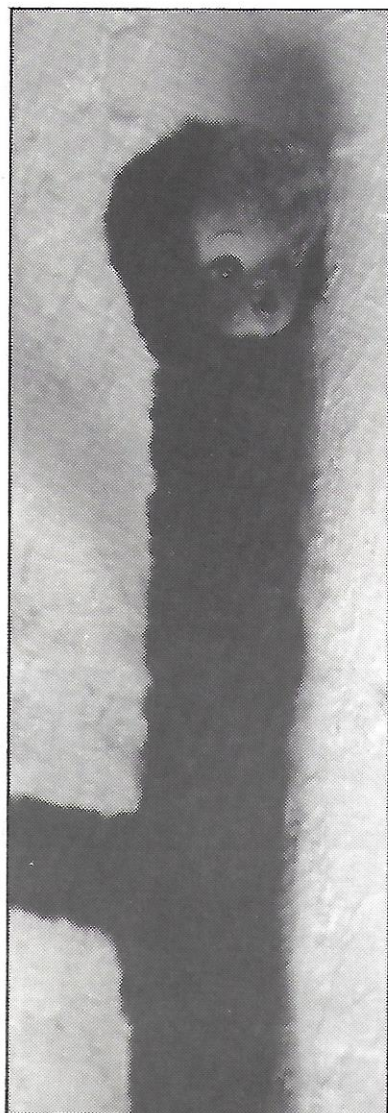


Liana Timm
Série: Misturas Principais
"O olhar quebra o vidro"
Detalhe
62x31 cm • 2 partes
Técnica mista

LIA

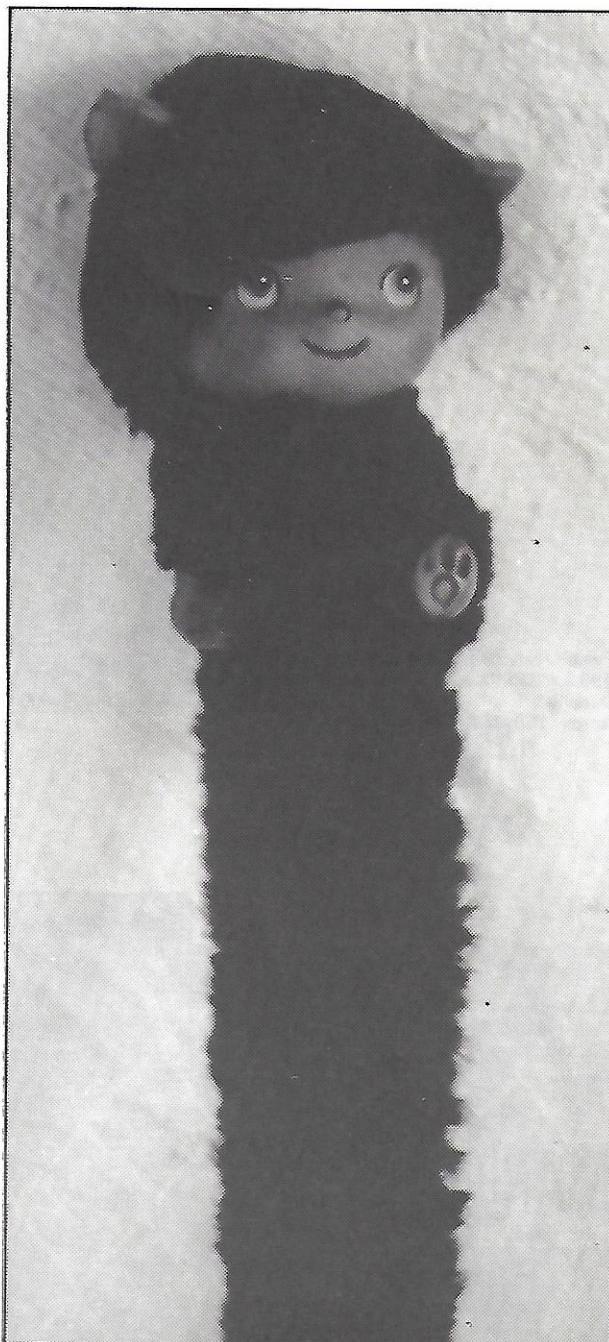
MENNA BARRETO

Rio de Janeiro - RJ - 1959



"Instrumentos", 1991
Pelúcia, borracha e
madeira
90x10 cm
Detalhe

"Instrumentos", 1992
Pelúcia, borracha e
madeira
90x10 cm
Detalhe



LIANA

TIMM

Serafina Correa - RS - 1947

Série: Misturas Principais
'Fenda' • Detalhe
76x58 cm
Técnica: mista

LUISA MEYER

Porto Alegre - RS - 1964



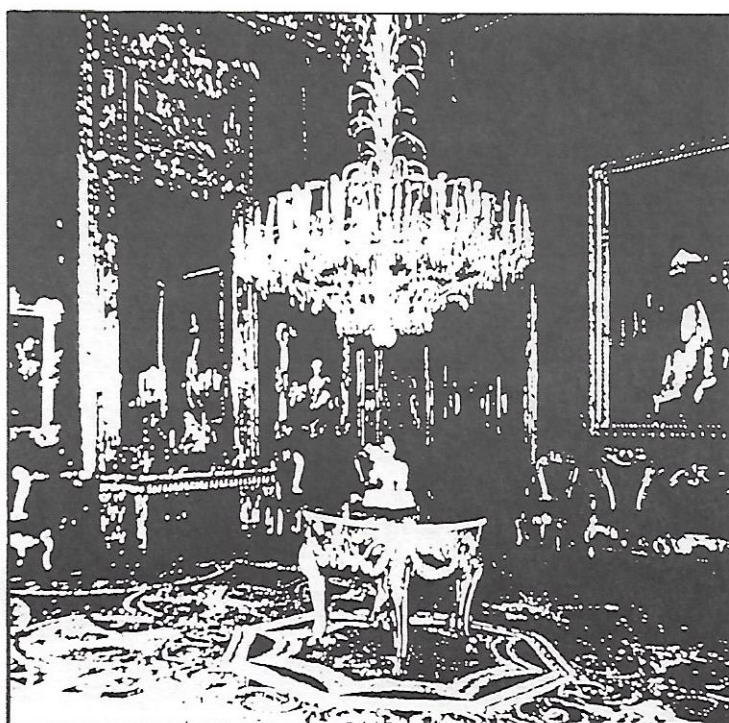
Painel: relevo em gesso pintado
1992 • São Paulo
Detalhe
Aprox. 150x150 cm

"Stone Roses" • 1990
Tela e relevo de cimento pintados
25x150x3 cm

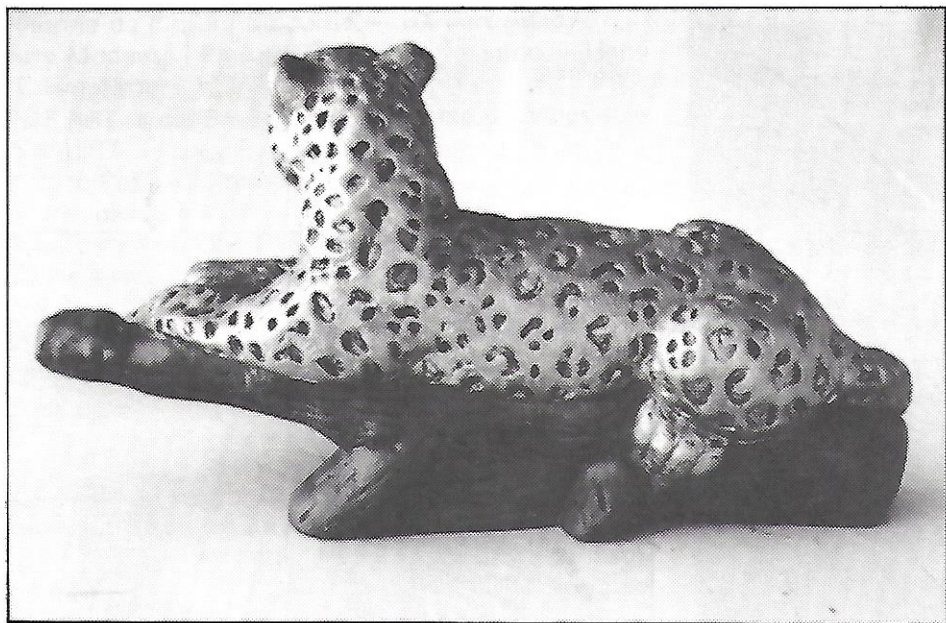


MÁRIO RÖHNELT

Pelotas - RS - 1950



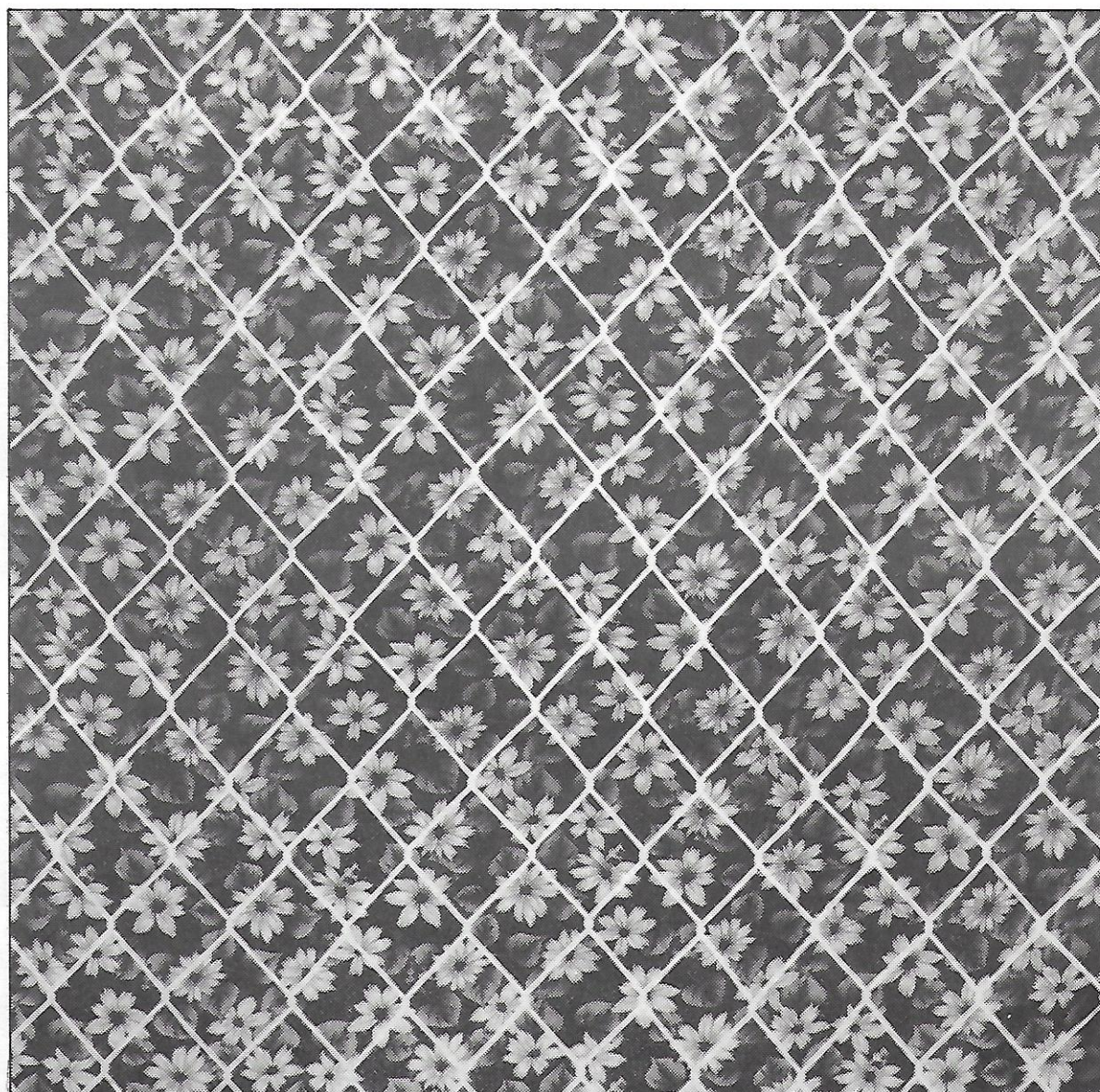
Pintura • 1992
Sem título
150x150 cm



Luisa Meyer
 'Onça' • 1990
 Gesso pintado
 40x80x40 cm

MILTON KURTZ

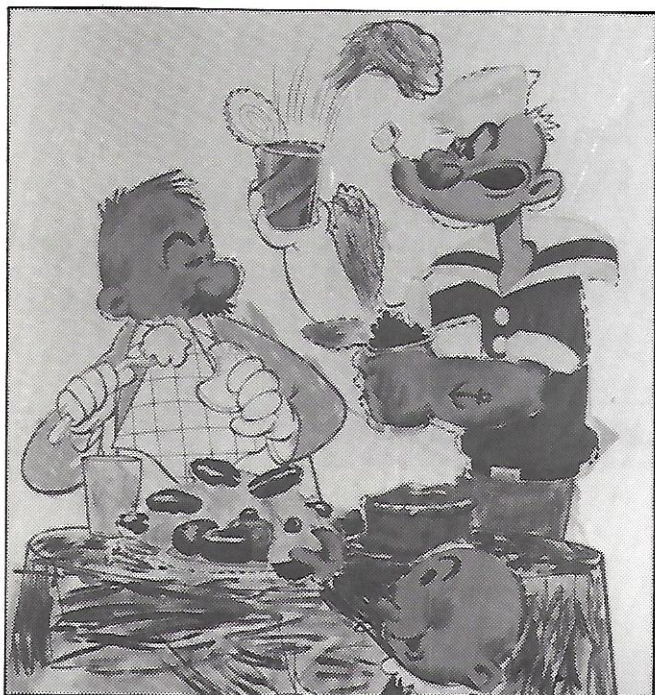
Santa Maria - RS - 1951



"Tela" • 1992
 Acrílica sobre algodão
 estampado
 150x150 cm

RICHARD JOHN

Boim Príncipe - RS - 1966



Pop Ice nº 1 • Óleo sobre tela, 1992
115,5x146 cm



Pop Ice nº 2 • Óleo sobre tela, 1992
115,5x146 cm

ROMANITA DISCONZI

Santiago - RS - 1940



Acrílico sobre tela
"Querubim e escudo do Capitão América"
1990 • 120x90 cm
Foto: Ruy Varela

Nuevas Tendencias em la Pintura - Aldo Pelegrini
História da Pintura Moderna — Herbert Read
Arte Moderna - Pintura, Gravura e Desenho — Hans
H. Hofstätter
POP ART, a continuing history — Marco Livingstone
POP ART — Lucy R. Lippard et alii
A Arte Pop — Simon Wilson
A arte desde o POP — John A. Walker
Panorama das Artes Plásticas Séculos IX e XX — Frederico Moraes
A Gravura no RS — 1900 — 1980 — Carlos Scarinci
Imagens de Segunda Geração — Mac — USP — Tadeu Chiarelli — 1987
Arte Gaúcha Contemporânea — vários — 1991
A figura Heróica — 13 artistas dos EUA — s/d.
Arte Híbrida — Aracy Amaral — SP/POA — 1989
Câmaras — 11 artistas no Solar dos Câmaras — 1992
Além destes livros foram utilizados catálogos individuais dos artistas, além dos catálogos coletivos. Também foi utilizado o artigo "Anos 60" A Nova Figuração, de Daisy Peccinini — Revista Galeria 11 de 1988.

ALCLO COLARNE
Secretária de Estado da Cultura
MILA CAUDURO

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul
Diretor
GAUDÊNCIO FIDELIS

Assessoria de Relações Externas
IARA GAY DE CASTRO

Assessoria de Imprensa
DÉCIO PRESSER

Divisão de Acervo
Museólogo Responsável
YVONNE BERNARDT

Divisão de Documentação e Pesquisa
CELSE VITELLI

Divisão de Exposições Temporárias
Coordenação
CHRISTIAN VARGAS

Assessoria de Montagem
KARIN SCHNEIDER
LORENA GOMES GARCEZ
LAURA BENTO SOARES

Montagem de Exposições
ROGER MIRANDA SOARES

Agradecimentos
LIANA TIMM
MILTON COUTO

AGRADECIMENTOS PESSOAIS

A realização desta curadoria só foi possível graças à generosa cooperação, ao apoio e a paciência de muitas pessoas. Meus agradecimentos ao Diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Gaudêncio Fidelis, aos Artistas, a Alfredo Nicolaiewsky, Mário Rohnelt, Marisa Veeck e Milton Kurtz pelas valiosas sugestões e pelos livros emprestados, ao prof. José Luiz do Amaral, pela revisão e sugestões e pelo pouco que sei, ao Prof. José Albano Volkmer por ter me liberado de minhas funções no MARGS para executar este trabalho e a todos os colegas do MARGS pelo auxílio e compreensão, principalmente aos do Núcleo de Documentação e Biblioteca e também a Prof.^a Naira Vasconcellos pela tradução de alguns trechos em inglês. Inestimável o trabalho de Gessi Oliveira, que datilografou os originais deste texto.

Paulo Gomes

A exposição O ESPÍRITO POP dá continuidade ao extenso programa de exposições sistemáticas que o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul iniciou em 1992 com a exposição Desenho Sul Contemporâneo, seguida da 360.º De Pintura Agora e da Nova Pintura, esta última em 1993. Seguir-se-ão as exposições Estrutura Têxtil, cujo objetivo será mostrar a arte têxtil contemporânea do Rio Grande do Sul e Fotografia de Autor, exposição de fotógrafos gaúchos da atualidade.

O objetivo é promover a pesquisa e documentação e ao mesmo tempo atualizar o olhar sobre a produção do Estado através de exposições didáticas de alta qualidade técnica.

Trazer a público a atualidade da arte é ao mesmo tempo lançar um olhar crítico sobre a história, para que tenhamos a perspectiva de, ao longo do tempo, nos mantermos conscientes da continuidade do pensamento.

Acreditamos que a função maior de uma instituição como esta consiste na reatualização da experiência estética através da atividade crítica diante das fontes.

Gaudêncio Fidelis
Diretor do Museu de Arte Contemporânea
do Rio Grande do Sul

Esta exposição é dedicada aos doze artistas que dela participam, à comunidade desse Estado e a todos aqueles que trabalham pelo bem comum.

Ilustração da capa: Milton Kurtz
'Nuvem' • 1992 • Acrílica sobre cotton estampado • 150x150cm



APOIO CULTURAL
EXPRESSO CAXIENSE
L E M A C
P A R A M A L H A S
(C a x i a s d o S u l)
P H O T O C E N T E R
T R I C H E S

HISTÓRICO

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul é uma instituição sem fins lucrativos, a serviço da comunidade e seu desenvolvimento, com o objetivo de preservar, pesquisar e divulgar um acervo de arte contemporânea em nível regional, nacional e internacional e, ainda, de educar, por meios adequados, a clientela própria.

O MAC-RS foi criado pelo decreto nº 34.205, de 04 de março de 1992 e inaugurado em 18 de março do mesmo ano.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL

CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA

Rua dos Andradas, 736 • 6º andar • Porto Alegre • RS
CEP 90020-004 • FONE: (051) 221-7147 • R. 263 • FAX: (051) 227-4427

• B R A S I L •